



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

**NATALÍCIA BARBOSA DA ROCHA**

**MARCAS DE UM PASSADO HISTÓRICO NO BRASIL  
ESCRAVAGISTA EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

**GUARABIRA  
2019**

NATALÍCIA BARBOSA DA ROCHA

**MARCAS DE UM PASSADO HISTÓRICO NO BRASIL  
ESCRAVAGISTA EM *ÚRSULA*, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do curso de letras português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em letras habilitação em língua portuguesa.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosilda Alves Bezerra

**GUARABIRA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R672m Rocha, Natália Barbosa da.  
Marcas de um passado histórico no Brasil escravagista em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis [manuscrito] / Natália Barbosa da Rocha. - 2019.  
31 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Resistência. 2. Literatura Afro-brasileira. 3. Preconceito Racial. 4. Romance Histórico. I. Título  
21. ed. CDD B869.3

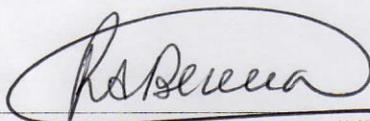
NATALÍCIA BARBOSA DA ROCHA

**MARCAS DE UM PASSADO HISTÓRICO NO BRASIL  
ESCRAVAGISTA EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS**

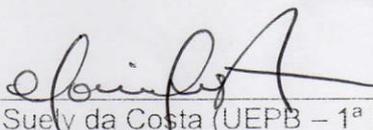
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do curso de letras português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em letras habilitação em língua portuguesa.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra (UEPB – Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª Maria Suelly da Costa (UEPB – 1ª Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Ms. Maria Aparecida Nascimento de Almeida (UEPB – 2ª Examinadora)

A minha mãe, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

"Deixai pois que minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d' arte, caminhe entre vós".

(Úrsula. Maria Firmino dos Reis).

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA A PARTIR DO PERÍODO ABOLICIONISTA	8
3 ÚRSULA: ROMANCE ABOLICIONISTA DO SÉCULO XIX	12
3.1 <i>Úrsula</i> A representatividade da moral e ancestralidade nas personagens Túlio, Preta Susana e Antero	14
3.2 <i>Úrsula</i> : resistência e consciência de classe	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar sob a ótica de Maria Firmina, a origem do negro na literatura brasileira e sua trajetória de luta e resistência, presentes no romance *Úrsula*, com base em suas compreensões de escrita e pesquisa. O Romance foi publicado em 1859, marcado por resistência às minorias da época, que rompe com o discurso do negro como objeto econômico, presente nos romances do século XIX. Considerado o primeiro romance abolicionista, escrito por uma mulher negra no Brasil, a obra denuncia as injustiças praticadas livremente por uma sociedade elitista.

**Palavras chave:** Literatura afro-brasileira. Preconceito racial. Resistência. Romance histórico.

## ABSTRACT

This work has the purpose to analyze historically the origin of the black population in the brazilian literature and its history of struggle and resistance on trade-related aspects of Maria Firmina, on the basis of their understanding of the writing and the research. The book was published in 1859, was marked by the resistance of the minority groups of the era, that breaks away from the discourse of the body as an object of economic in all of the novels of the nineteenth XIX. Regarded as the first novel, anti-slavery, which was written by a black woman in Brazil to the work of the denunciation of the injustices committed in the vicinity of a society's elite. In this way, we base our research on the study of the Florentine Souza, Eduardo de Assis Duarte, Zillah Mr, Neusa Santos Souza, among others.

**keyword:** Afro-Brazilian literature. Racial prejudice. Resistance. Historical novel.

## 1 INTRODUÇÃO

“Deixai pois que minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias d’arte, caminhe entre vós.”

(*Úrsula*. Maria Firmina dos Reis).

A história da literatura negra no Brasil está intimamente associada à escravidão e a formação social do país. Na literatura do século XIX, o negro aparece principalmente como personagens desumanizados com o papel de representar condições desumanas às quais os viviam submetidos. Nesse contexto, não surge como formador da cultura brasileira, juntamente com os índios, que possuíam características do bom selvagem, construtores de uma identidade genuinamente brasileira.

A relação que a literatura tem com o povo negro, desde o surgimento das primeiras personagens elaborados sobre a perspectiva do negro cativo, dominado e oprimido com papéis marginalizados, é a de que eles viviam em condições ruins nas mãos dos seus senhores carrascos. Sempre personagens sem pouca importância na narrativa, apenas com o intuito de mostrar o ambiente em que viviam, sob a condição de objeto, evidenciando sua trajetória ligada a vivência em meio a elite branca da época, e não com a intenção de terem voz e papéis de destaques.

As personagens negros seguiam padrões europeus escravocratas, com atribuições marginalizadas, sem identidade e sem valores de povos dominados e que oferecia sérios perigos para a sociedade. Usados como personagens coadjuvantes que demonstram perigos para a sociedade, apresentados de forma tímida e com vozes raramente autorais.

A literatura negra brasileira mostra-se reduzida e escassa, marcada por um passado histórico de escravidão cercada de preconceitos e ausência de autores negros. Por mais que a ausência de escritores negros seja presente, não se pode negar a trajetória do negro como construtor histórico do Brasil, sendo toda sua história marcada de sofrimento e privações de direitos.

Sob a ótica da escritora, poeta, folclorista, abolicionista, contista e professora, Maria Firmino dos Reis, negra pobre, não tendo em sua obras destaque e comentários, por muito esquecidas, esse trabalho busca destacar de que forma a resistência negra e a consciência de classe formam pontos importantes na obra da escritora

maranhense. A literatura nacional passa a discriminação que o negro sofreu de forma mais severa do que a sofrida pelo índio. Pelo fato de várias obras desse período terem destacado a figura do negro de forma insignificante e oprimida com pouquíssimos personagens, sendo presente mais como tema histórico do que como voz autoral. Apresentados como humildes e resignados.

O presente artigo, tem como finalidade observar sob a perspectiva de Firmina dos Reis, de que forma uma escritora que a princípio aparece sem muita expressividade consegue se transformar na primeira mulher negra a escrever um romance em uma época predominantemente de escrita masculina, elitista e branca.

*Úrsula* foi publicado em 1859, e nessa edição primeira não trouxe o nome real da escritora, pois esta havia assinado com o pseudônimo “Uma Maranhense”.

Naquele período, meados do século XIX, assinar com pseudônimo era uma forma de disfarce, que as mulheres encontram para serem lidas e publicadas, uma vez que não se tinha uma valorização de literatura feita por mulheres, pois eram pouquíssimas as letradas e com formação acadêmica. Além disso, as mulheres acreditavam que esconder-se por trás de um nome falso daria a elas uma maior liberdade para expor seus pensamentos.

A autora, inserida nesse contexto literário, trazia uma preocupação a mais, pois explorava seus pensamentos englobando as diversas formas de problematizar a situação das mulheres da época e, principalmente, a forma como o povo negro era submetido na sociedade escravocrata.

A escritora maranhense desvia sua literatura da visão etnocêntrica e masculina no romance *Úrsula* porque o romance representa o primeiro a ser considerado abolicionista da literatura brasileira, além de ser de autoria afro-brasileira, com uma pauta identitária que aborda a temática do negro, de uma forma particular, de participação ativa, com a necessidade de descobrir qual o papel do negro na sociedade brasileira.

## **2 Representações do negro na literatura afro-brasileira a partir do período**

## abolicionista

O poeta Castro Alves ficou conhecido em todos os livros didáticos como o “Poeta dos Escravos”. Esse título de defensor e abolicionista permaneceu durante anos no imaginário da população leitora brasileira. A produção desse poeta englobou o período de 1876 a 1833, ano em que publica *Os escravos*. Na mesma dimensão literária, Joaquim Manoel de Macedo publicou *Vítimas Algozes* (1869), e antes de Castro Alves. Nesse contexto literário, poeta como Luiz Gama, e Firmina, não fizeram parte da sociedade literária brasileira, mesmo por mérito, pois suas obras traziam um diferencial, que era apresentar a escravidão sob um ponto de vista crítico, sem os estereótipos repetidos por autores anteriores, e com características afirmativas.

O romance *Úrsula*, no país, é a obra considerada fundadora da literatura afro-brasileira, dividindo esse momento literário com o poeta Luiz Gama, e sua publicação *Primeiras trovas burlescas* de Getulino. A coincidência na trajetória literária desses escritores é o fato de ambos os livros terem sido publicados em 1859. O que faz o romance *Úrsula* ser considerado libertador é por sua temática antiescravagista, que reconhece os males da escravidão, porém estabelece discussões que não mostram esses mesmos escravos como vítimas e submetidas ao trabalho forçado, sem se esforçar para sair da desgraça em que estão submetidas.

A pouca divulgação também impediu que a maranhense Maria Firmina dos Reis (1825-1917) viesse a constar dos manuais clássicos de nossa historiografia literária. A escritora, num fato inédito naquela época para uma mulher humilde, mestiça e bastarda, conseguiu, em 1847, ser aprovada em concurso público para a cadeira de Instrução Primária, tendo exercido o magistério ao longo de boa parte dos seus noventa e dois anos de vida. De acordo com Zahidé Lupinacci Muzart (2000: 264), Maria Firmina publica *Úrsula*, em 1859, sendo este o “primeiro romance abolicionista e um dos primeiros escritos por mulher brasileira”, tendo ainda colaborado em diversos jornais, inclusive com narrativa folhetinesca *Gupeva*, de 1861, e o conto “A escrava”, em 1887. (DUARTE, 2003).

Diversos autores buscam conceituar a literatura afro-brasileira em estudos e explorar acerca dessas definições, sem que possa cair na armadilha de repetir estereótipos. Para esse trabalho escolhemos os estudos de Duarte (2003), uma vez que será aquele o mais próximo ao que desejamos trabalhar na análise do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. Segundo Duarte, o conceito de literatura afro-

brasileira é uma formulação mais elástica (e mais produtiva), pois tenta:

Abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Adão Ventura, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isto mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária. (DUARTE, 2013, p. 34)

Nós séculos XVIII, aparecem os primeiros autores de origem negra, como Domingos Caldas Barbosa e Silva de Alvarenga, com a poesia *Árcade*, e Cruz e Souza no período simbolista (1836-1881), com movimentos voltados para a liberdade nacional e da construção de uma identidade. Tendo o índio apresentado de forma forte, heróico e corajoso, o negro vinha sendo apresentado de forma ingênua e servil, a exemplo o romance *Til*, de José de Alencar. Escritor do período romântico da literatura brasileira, Alencar mostrava um certo desprezo pela figura do negro, descrevendo as situações que vivia em meio a sociedade escravocrata. Dessa forma, o negro não era colocado como protagonista tão pouco como herói ou elemento de inspiração, tendo como tendência racista.

Exemplos dessa produção de José de Alencar são os dois textos de peças teatrais, como *O demônio familiar* (1857) e *Mãe* (1860), escritos que provocaram reações diversas entre os críticos do período, principalmente pela temática da escravidão, e por tais personagens eram sempre representados como vilões ou vítimas desgraçadas e sofridas. Além desses textos, Alencar publicou textos de cunho político, como as *Cartas de Erasmo* (1867), que viriam a ser conhecidas como as *Cartas a favor da escravidão* (2008). Essas cartas teriam como objetivo, solicitar a Princesa Isabel que não assinasse a Lei Áurea, uma vez que tal ato seria o fim comercial do Brasil, fazendo com que os ricos fazendeiros tivessem prejuízos financeiros com essa assinatura. (PARRON, 2008).

Continuamente com a temática da escravidão em romances e poesias, surge Castro Alves com um dos seus mais famosos poemas, “O navio negreiro”. O poeta coloca como principal objetivo, poder humanizar a figura do negro, com atos de sensibilizar o homem branco, para condições desumanas às quais os negros viviam.

No entanto, apesar da participação de Castro Alves e outros autores do Romantismo na publicação de obras que representassem os negros, seja de modo

afirmativo ou não, um poeta que ficou durante muito tempo no ostracismo foi Luiz Gama. Filho de fidalgo português e africana livre, Luiz Gama (1830-1882), por ter vivido em cativeiro, conquistou a possibilidade de estudar, a partir de padrinhos que o escolarizar, formou-se em Jornalismo, e ingressou na Academia de Direito de São Paulo. Luiz Gama, no exercício da advocacia, batalhou pela abolição da escravatura, livrou muitos cativos da escravidão, e tornou-se um dos grandes defensores dos negros. (AZEVEDO, 1999).

Movimentos começam a surgir com as finalidades abolicionistas, em meio a essas reações, surge uma importante personagem escrava, a escrava Isaura, de Bernardo Guimarães, porém, como a maioria dos personagens escravos, Isaura era descrita com características brancas, enfatizando ainda mais a dificuldade que os autores da época tinham em valorizar de formas positivas o negro. Naturalmente, essa obra teve um sucesso incontestável, principalmente pela personagem ter características não negras, e dessa forma ser mais aceita pelo público leitor da época que se identificava e se compadecia da escrava Isaura.

Mais a frente, com o surgimento do Realismo/Naturalismo, a escravidão ainda permanece sob o viés dos preconceituosos, presente em destaque, nas obras de Machado de Assis, por exemplo. Nessa fase da literatura, personagens negros vão surgindo com mais frequências e quantidades, em obras de diversos autores, mas, claramente o negro ainda não ganha seu espaço, suas personagens são mostradas de formas racistas e com conotações sexuais. Principais obras com tais características foram, *O Cortiço* e *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo, em sua maioria caracterizando a figura do mais forte e poderoso tendo os negros mortos por seus senhores, sendo algozes dos seus senhores. A mulher negra, por sua vez, é marcada por uma sexualidade, sendo a porta para o sexo sem compromisso, como a "mulata assanhada", levada pelas imagens sociais.

O tema "Negrismo", começava a ser inaugurado, personagens voltados para o mal, estagnados com figuras do anti-herói, autores que adotaram esse tema, destacasse, Jorge Amado, com *Moleque Ricardo*, José Lins do Rego, igualmente publicando em (1935). Mario de Andrade em *Macunaíma*, deixa a mostra aspectos do racismo no texto com o embranquecimento do personagem, fato comum entre os personagens criados por autores dessa época, o negro em destaque, porém, com traços brancos com viés europeus.

A situação do negro nos escritos da literatura, começa a melhorar a partir do final do século XX e início do século XXI, escritores brasileiros negros começam a ganhar visibilidade e terem suas obras citadas e reconhecidas em debates e discursos sobre as críticas a respeito do cânone literário e suas exclusões a fim de uma mudança. Conquista tão importante para o negro, valiosa e grandiosa, sendo o primeiro passo para o reconhecimento nacional. Nesse momento, grandes nomes de autores negros começam a surgir com uma intensa produção de personagens negros e com papéis importantes para a tão sonhada independência. Autores como, Ricardo Aleixo, Marilene Felinto, Oswald de Camargo, Maria Carolina de Jesus, com seu valioso diário, *Quarto de Despejo*, dentre outros.

Ao longo da história literária, o negro ganha um papel secundário, deixando o principal para os índios, construtores de uma identidade nacional, e para os negros, um papel inferior e marcado pelo sofrimento existencial. Mas, ao longo da história, tal situação foi mudando se alterando, sendo necessário a continuidade do trabalho de vários autores que dedicaram suas vidas a essa causa, estudos mais aprofundados sobre o afrodescendente e suas origens, crenças e mitos precisam ser bem mais abrangentes com pesquisas evidenciando que o negro participou diretamente da identidade cultural brasileira e merece seu lugar na história dignamente.

A literatura afro-brasileira ressignifica um papel abolicionista na literatura brasileira. O presente livro já existia na época do abolicionismo, mesmo antes da publicação de Castro Alves, considerado por muitos como poeta dos escravos. No caso de Firmina dos Reis, ela nasceu na ilha de São Luís, em 1822, pouco depois de o Brasil ter declarado independência de Portugal. A autora era filha de pai negro e mãe branca. Criada na casa de uma tia materna, sempre teve contato com a literatura, uma vez que um primo, conhecido gramático maranhense, Sotero dos Reis, era bastante conhecido do mundo acadêmico na época. Nesse contexto, Maria Firmino tornou-se professora de escola primária em 1847, após ser aprovada em concurso público na cidade de Guimarães, no Maranhão.

A autora publicou não somente romances, mas buscou enveredar-se pela poesia, ensaios, histórias e quebra-cabeças em jornais e revistas locais, além de compor canções abolicionistas. Descobriu com sua escrita que a literatura representava um meio de destacar as desgraças que a escravidão provocava no povo negro.

Revoltava-se com o fato da Igreja não ter uma intervenção humanizadora para que pudesse exterminar o processo escravagista no Brasil, e considerava contraditório o posicionamento de pessoas da alta sociedade maranhense, que se considerava temente à Deus, não ter a sensibilidade para dar um basta na situação de calamidade pela qual muitos escravos estavam submetidos.

No ano de 1887, Reis publicou na *Revista Maranhense* o conto “A Escrava”, que trazia como principal temática uma participante ativa da causa abolicionista. Seu trabalho, no entanto, sofreu uma espécie de longo esquecimento, sendo redescoberto apenas na década de 1960.

### **3 ÚRSULA: romance abolicionista do século XIX**

O romance *Úrsula*, inaugurou uma imagem literária do negro sob a ótica diferenciada de mundo da época escravocrata, indo em oposição a situação degradante em que os negros viviam, com personagens que vão contra a política escravocrata e opressora. Os aspectos presentes no romance, mesmo mostrando o negro em estado de serventia, destaca uma estratégia da autora em propagar os problemas políticos escravocratas de sua época, indicando a africanidade do negro trazido de África, buscando ressignificar as suas origens e consciências culturais.

Personagens que expressam uma realidade africana, assumindo uma perspectiva de condição servil, a partir de seus diálogos, buscavam um meio de usar suas vozes como ferramentas utilitárias e seus atos desencadeados na construção do enredo da narrativa. Para Conceição Evaristo, a literatura escrita por uma mulher negra, com personagens retratadas de modo positivo, pode ser encarada da seguinte forma:

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral. (EVARISTO, 2009, p.19)

A partir dessa conceituação de Conceição Evaristo, nota-se que a autora maranhense, caracterizou o problema da escravidão contextualizada na narrativa, cujas características coloniais ainda predominavam, com existências de senhores brancos patriarcais, fazendo com que os negros mesmo em condições de escravos,

valorizassem seus valores culturais ancestrais.

No romance *Úrsula*, o negro torna-se visível, em meio a uma literatura, na qual o negro vem aparecendo no contexto marginalizado da história. No caso do romance *Úrsula*, o negro sai da condição de escravo para construtor de sua identidade moral e cultural, despede-se de sua situação de mercadoria e objeto nas mãos dos senhores de terras. Sem se deixar levar pelas influências de autores considerados relevantes da época, e de um patriarcalismo que cultivava a escravidão como forma de poder econômico. Para Maria Firmina dos Reis:

Por qualquer modo que encaremos a escravidão, ela é, e sempre será um grande mal. Dela a decadência do comércio; porque o comércio, e a lavoura caminham de mãos dadas, e o escravo não pode fazer florescer a lavoura; porque o seu trabalho é forçado. Ele não tem futuro; o seu trabalho não é indenizado; ainda dela nos vem o opróbrio, a vergonha: porque de frente altiva e desassombrada não podemos encarar as nações livres: por isso que o estigma da escravidão, pelo cruzamento das raças, estampa-se na fronte de todos nós. Em balde procurará um dentre nós, convencer ao estrangeiro que em essas veias não giram uma só gota de sangue escravo. (REIS, 2004, p. 242)

Maria Firmino cria personagens resistentes, usando de sua sensibilidade artística, a autora concedeu à personagem negra na literatura afro-brasileira um protagonismo afirmativo, tornando-o humano, não só pelo o que sofreram e sim por suas qualidades morais e culturais.

O romance traz uma originalidade e uma identidade afro-brasileira, mantendo seus personagens fora dos padrões repetitivos de outras obras, por não representarem a escravidão e suas dolorosas marcas, e sim por mostrarem suas riquezas culturais, rompendo os estereótipos e destacando a cultura negra em uma época em que não havia tal alternativa para os negros. O antropólogo Mott (1991) já havia escrito sobre essa questão em relação à questão positiva do romance *Úrsula*, e de como outros autores tratavam as personagens negras em seus escritos:

No período em que foi publicado *Úrsula*, o escravo era visto principalmente como “o demônio familiar” (título de uma peça teatral escrita por José de Alencar em 1859 que denunciava a influência maléfica da escravidão sobre a família). Os mais liberais consideravam o negro apenas corrompido pelo cativo. Quanto à maioria, fossem eles escravocratas, emancipadores e mesmo abolicionistas, a índole, a própria natureza do negro é que era má. (MOTT, 1991, p.67).

É nessa perspectiva que *Úrsula* apresenta personagens com representatividade positiva, e quebra com a imagem servil e de escravo derrotado, colocando o negro

em evidência em um momento histórico bem delicado do Brasil escravocrata. A narrativa da escravidão no romance *Úrsula* é conduzida por uma visão considerado afrodescendente e de autoria feminina, de uma autora negra. Logo no início do romance, Maria Firmina dos Reis alerta o leitor: “*pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados*”. Apesar de uma apresentação humilde, em que deixa caracterizada a sua pouca formação educacional teve coragem suficiente de mostrar uma personalidade afirmativa, mesmo sabendo da indiferença que seu livro causaria a muitos maranhenses letrados.

### **3.1 *Úrsula* A representatividade da moral e ancestralidade nas personagens Túlio, Preta Susana e Antero**

*Úrsula* traz em seu enredo, uma história de amor e de tragédia entre os jovens Úrsula, bacharel Tancredo, e logo se nota, pelo tratamento dado aos personagens negros, às mulheres e à escravidão, que as preocupações presentes no romance são outras, pois, apesar de ter sido escrito num período de nacionalismo exacerbado, destoa da literatura produzida em sua época em muitos aspectos, já que não parece estar comprometido com o projeto romântico que era fundar a ideia de nação, construindo através de suas narrativas.

A autora representou a literatura romântica de modo incisivo, defendendo as pessoas injustiçadas, e principalmente o envolvimento pelas causas sociais, além do enfrentamento ao patriarcado que imperava no país. As principais pessoas defendidas pela autora eram o escravo e a mulher. É nessa perspectiva que a autora apresenta a história de *Úrsula* e de sua mãe, uma mulher que passa por muitas desgraças, e narra a história de Tancredo, que foi traído pelo próprio pai, além do drama pelo qual passam os escravos Túlio, Susana e Antero.

Naturalmente, a autora se solidariza com as personagens oprimidas e desamparadas, uma vez que ela própria se vê no lugar de seus descendentes, acredita que faz parte daquele universo, pois também se vê representada através de sua própria ficção, em um processo literário de auto-reconhecimento. No artigo

“Mulheres marcadas”, de Eduardo Assis Duarte, o autor apresenta Maria Firmina dos Reis, e suas impressões acerca da escritora maranhense:

Maria Firmina dos Reis, que, em seu romance *Úrsula*, de 1859, faz surgir pela primeira vez em nossas letras a voz da escrava e, junto com ela, o suplício do navio negreiro e a memória do mundo de liberdade deixado do outro lado do oceano. Através da personagem Mãe Suzana, a autora inaugura não um novo paradigma, mas um modo diferenciado da representação até então existente. Nele, a autoria feminina e afro-identificada substitui o protagonismo da mulata pelo da negra. Mãe Suzana é negra e explica ao jovem escravo alforriado o verdadeiro sentido da liberdade. Fala de sua vida na África, da família e da filha que teve de deixar para trás, enjaulada que foi como “mercadoria humana” pelos traficantes insensíveis aos seus apelos de mãe. (DUARTE, 2009, p. 72).

A escritora usa de forte consciência ideológica na construção das personagens, moldando ao estilo da estética brasileira do período de (1830-1880), aproximadamente. Personagens que representavam três aspectos das situações que o negro passava durante o período de escravidão. Suas identidades culturais são expressadas pelas próprias individualidades, tornando relevantes para a construção moral e discursiva do romance.

O romance se constitui com a formação de um triângulo amoroso que é formado por Adelaide, Tancredo e seu pai, e que somente é desfeito com a derrota de Tancredo, porém, um segundo triângulo amoroso passa a ser constituído por Tancredo, Úrsula e seu tio. No entanto, é por meio de um outro trio formado por três personagens negros, Túlio, Mãe Susana e Antero, que a narrativa passa a ser um elemento a mais porque essas personagens, a princípio sem muita relevância, acabam por se firmarem como protagonistas no enredo do romance.

A personagem Túlio, jovem escravo representa a dignidade moral, servindo de parâmetro conservador, mesmo diante dos erros que a ele foram cometidos. A intenção da narradora, não fosse o de causar um embranquecimento na personagem, mas de torná-lo elevado ao escravismo em termos de ética. O escravo concede a bondade para obter a liberdade demonstrando a partir de suas ações, não uma ingenuidade, mas a dignidade através da força moral e humana, como pode ser evidenciada no fragmento a seguir:

—Ah! meu senhor, — “exclamou o escravo enternecido” — como sois bom! Continuai, eu vos suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuais, pelo céu, a ser generoso, e compassivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo!

Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão. (REIS, 2004, p.19).

O diálogo mostra a forma pela qual Túlio exemplo de moral, consegue por meio de sua bondade dialogar por sua liberdade. Diferentemente de outros romances em que o Senhor de Escravos sempre acaba subjugando seus escravos a seus julgo, a narradora destaca o escravo Túlio e o senhor Tancredo como iguais, realizando um encontro entre o escravo e o herói romântico Tancredo, ambos sem perder a determinação história entre o branco, herdeiro da colonização e o escravo negro. A personagem Túlio objetiva a liberdade, livrando-se dos julgo escravocratas mesmo sendo escravo, seu altruísmo se torna a força da liberdade.

E o cavalheiro perguntou-lhe: — Essa é Tulio, toda a recompensa que exigis? — Sim, meu senhor. Fizeste-me tão feliz, que nada mais ambiciono; e rendendo a Deus graças pela minha presente ventura, suplico-lhe que vos cubra de bençãos, e que vele sobre vós a sua bondade infinita. E o negro dizia uma verdade era o primeiro branco que tão doces palavras lhe havia dirigido; e sua alma ávida de uma outra alma que a compreendesse, transbordava agora de felicidade e de reconhecimento. Pobre Tulio. (REIS, 2004, p.19).

Preta Susana, assume um papel no enredo na narrativa, uma voz ancestral, criando outras realidades dos mitos de origens africanas no Brasil. Considerando a liberdade não só com a alforria, mas tendo a liberdade como algo maior, a liberdade em África, tomando como África o lugar de libertação e o Brasil o lugar de escravidão.

—Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo quanto me foi caro! Liberdade! liberdade... ah! eu a gozei na minha mocidade! — « continuou Susana com amargura » — Tulio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu paz, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias d'aquelas vastas praias. Ah! meu filho! mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: — uma filha, que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E essa paz de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Tulio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2004, p. 91-92).

Preta Susana conta como a África se torna o lugar de libertação e o Brasil o lugar de escravidão. O personagem Antero, sua originalidade e identidade, por meio de um vício da cachaça, onde a África na qualidade da cachaça, justificado ideologicamente pela dignidade do trabalho. As africanidades e qualidades da África para a narrativa.

— É o único vício que tenho; e ainda por conserva-lo não prejudiquei a ninguém. Que te importa que beba, — «acrescentou com voz que queria dizer: não tens coração» — por ventura pedi-te algum dinheiro para fumo ou cachaça? — e dizendo afagava a cabaça vazia com um desvelo todo paternal, como que arrependido de tê-la desprezado, a ela, a sua companheira constante.

Pois bem — «continuou o velho» — no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei. Entendes? (REIS, 2004, p. 172).

O relato do velho africano, traz no romance uma identidade cultural ao invocar por meio da Cachaça a África e uma dignidade do trabalho, pois dele vinha o sustento do vício. Os valores Encontrados no fragmento, aparece o Brasil como um espaço de escravidão e a África como um lugar de liberdade humana. Tal afirmação se desenvolve através da qualidade da cachaça e da possibilidade de sua compra.

### **3.2 *Úrsula*: resistência e consciência de classes**

Em *Úrsula*, o ponto alto do romance é o aspecto trágico pelo qual passa cada cativo. O jovem Túlio é o único escravo que fazia parte da decadente residência da mãe de Úrsula – salvando a vida de Tancredo num acidente. Dessa forma o capítulo se intitula “Duas Almas Generosas” por conta desse acontecimento. O relevante nessa narrativa é que o homem negro funciona como uma espécie de porta-voz de quilombolas revoltados com todo sofrimento pelo qual eram submetidos. É nesse contexto que se observa o envolvimento de Túlio e a luta por direitos, como pode ser percebido no fragmento que segue:

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar 25 anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima

e a escravidão não puderam resfriar, embalde – dissemos – se revoltava; porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco (REIS, 2004, p. 22).

O choque entre as etnias é algo perceptível no fragmento, uma vez que toda espécie de escravidão é desrespeitosa porque tira do outro a capacidade de liberdade e a angústia que o precede. O jovem negro é altivo, mantém a honra, sem se deixar envolver pelo rancor. Importante frisar que a vítima dessa estória era o Túlio, mas o seu comportamento era sempre de temente à Deus, sem se exaltar, procurava ter controle da situação:

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo – e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... aquele que também era livre no seu país... aquele que é seu irmão?! E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista. (REIS, 2004, p. 99 )

Importante ressaltar que apesar de toda a mágoa e revolta produzidas pela escravatura, o escravo não demonstra rancor, mas uma capacidade de questionar o porquê de tanto sofrimento, e a demora numa intervenção divina.

Infelizmente é de conhecimento de todos que a Igreja pouco se intrometer nas questões administrativas do país, deixando de lado os vários problemas que circundam a escravidão. Houve um acordo entre Brasil, Portugal e a Igreja Católica, que ficou conhecido como “Padroado real”. O objetivo era fazer com que a Igreja tivesse prioridade na evangelização no Brasil recém-descoberto, para que fosse possível ter um público maior de católicos. O tema sempre foi bastante delicado pelo fato desse tipo de transação circular muito dinheiro. A economia brasileira passa a ter a escravidão como um dos seus principais meios no período colonial.

— Tu! tu livre? Ah não me iludas! – exclamou a velha africana abrindo uns grandes olhos. (...) Liberdade... eu gozei em minha mocidade! – continuou Suzana com amargura. Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. (REIS, 2004, p. 114).

Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituísse a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. (...) Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse

receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa. (REIS, 2004. pp. 116 a 117).

O fragmento retrata as condições vivida pelos escravos retirados de suas terras em situações desumanas. A perda da pátria, da liberdade e de seus direitos tornava o horror do cárcere sufocante. As lembranças revelam um direito perdido, através das memórias de felicidade de quando vivia junto da família em África, veio o desalento dos mais tratos vividos.

Preta Susana, chama a atenção para a verdadeira liberdade, que apesar de alforriado Túlio permanecia escravo, usando como comparação a liberdade que tinha em sua terra, de onde foi tirada. A personagem Susana, é a representatividade da voz dos escravos. Mulher de grande personalidade e que afronta o sistema que está inserida, através dela, Maria Firmina, mostra a realidade vivida por eles.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento do presente estudo nos possibilitou uma nova perspectiva e um novo estudo acerca do negro na literatura, nos possibilitando o entendimento de que o negro não só é um construtor cultural como um importante personagem da literatura, levando em consideração toda sua trajetória de lutas que se perpetuam até os dias de hoje, e que mostra o quanto é importante um estudo mais amplo da identidade cultural negra, não só como humanizador mas como construtor de sua própria cultura, crenças e mitos que deveriam ser valorizados e serem considerados patrimônios culturais brasileiros.

É importante ressaltar que nessa obra as personagens possuem características como: obstinação para alcançar seus propósitos, coragem para lutar por seus direitos, e consciência de seus condições como escravo mas que não esquece sua luta na sociedade. Marcas que nos remete a originalidade da autora, com sua escrita e irreverência. A força interior para superar as dificuldades, fazem parte das personagens negras como: Túlio e Susana. Observa-se um sentimento de seriedade diante dos diversos tormentos.

Maria Firmina, faz críticas à política escravocrata, ao negro escravizado e sofrido, determinado pelos sistemas políticos e econômicos da época, uma voz política que

denuncia o conquistador europeu como Carrasco, invertendo de forma nova acusações racistas e elitistas. A autora, foge do discurso comum acerca da escravidão da época, alcança o problema da condição humana, humilhante e perversa. Assim há um aproveitamento da identidade cultural nacional pela literatura para criar um novo imaginário, com diferentes viés. Abordando reivindicações de visibilidade literária, social e humana, diferenciando o negro das narrativas que abordam o negro no século XIX no Brasil. Em Úrsula, já uma originalidade por eles (os negros), que aparecem ligados a uma identidade africana e não somente como mercadoria ou escravo sofredor e ingênuo.

As personagens de Maria Firmina, representam a quebra da tradição brasileira da época, baseada apenas na figura do índio herói, pois o negro também teve influência na história, uma voz que está africanamente viva no romance. A figura do negro sofredor, cativo e acuado, toma outro significado na narrativa, pois mesmo escravos de corpo as almas permaneciam livres, trazendo uma reflexão das condições das personagens.

A valorização dos autores negros como Maria Firmino dos Reis se faz necessária, e que suas obras não permaneçam esquecidas por uma sociedade elitista, mas que sejam obras que participem da formação de todos os brasileiros, e que se façam entender que não só o índio foi forte e herói, mas que o negro mesmo trazido de África a força e privados de seus direitos, resistiram e conseguiram seus espaços na sociedade brasileira, que essa ideia deixe de ser uma utopia e passe a ser realidade na sociedade brasileira e nos cânones literários da história.

Podemos dizer que a autora maranhense, conseguiu escrever em sua obra, uma narrativa para desconstituir os padrões escravocratas que o negro tinha a figura de dominado pelo branco dominador, visão essa que era muito comum encontrar nos romances do século XIX. Um ponto de maior ousadia da autora foi falar da escravidão na época em que a escravidão vigorava no Brasil, dando voz ao negro, usando a literatura como meio de desnortear valores preconceituosos acerca da identidade negra.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Elciene. **Orfeu de carapinha**. A trajetória de Luiz Gama na Imperial Cidade de São Paulo. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CAMARGO, Oswaldo de. **O negro escrito**. São Paulo: Imprensa Oficial, 1987.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanistas, FFLCI+/USP, 2004.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A representação do negro na literatura brasileira novas perspectivas**. Olhar de professor. V.7,n 1,p. 103-113, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Maria Firmino dos Reis e os primórdios da ficção afro brasileira**. In: Reis; Maria Firmino. Úrsula. Florianópolis: Ed. Mulheres Belo Horizonte: PUC Minas, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência**. Literatura afro-brasileira – FALE/UFMG. Belo Horizonte, MG, [s.d.]. Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/150-eduardo-de-assis-duarte-literatura-e-afrodescendencia> > Acesso em: 05/11/2019.

DUARTE, Eduardo Assis. Apresentação. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Florianópolis, SC: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas**: literatura, gênero, etnicidade. Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários, Londrina, PR, v. 17-A, dez. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. In: SCRIPTA. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2o sem. 2009.

LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis. In DUARTE, Eduardo de Assis (Org). **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. Vol. 1. Precursores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MENDES, Algemira de Macêdo. **Maria Firmina dos Reis e Amélia Beviláqua na história da literatura brasileira**: representação, imagens e memórias nos séculos XIX e XX. 2006. 282 f. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica, Rio Grande do Sul, 2006.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. Escravidão e literatura. In: **A mulher na luta contra a escravidão**. São Paulo: Contexto, 1991. (Coleção Repensando a história)

PARRON, Tâmis. Prefácio In: **Cartas a favor da escravidão**. (Organização Tâmis Parron) – São Paulo: Hedra, 2008, p. 06.

PROENÇA FILHO, Domício. **A trajetória do negro na literatura brasileira**. Navegações, Belo Horizonte. V, 6. N. 2, p. 146-153, Jul/dez. 3013.

REIS, Maria Firmina. **Úrsula**. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis. Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SANTOS, Alex Sandro dos. Anais só letras 2009. O **negro na literatura**.

SAYERS, Raymond. **O negro na literatura brasileira**. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SILVA, Gilberto Xavier da. MACIEL, Luiz Carlos Junqueira. **O negro na literatura brasileira**. Orientações pedagógicas.